

Proposta dos desenvolvidos

Washington — O presidente José Sarney e sua assessoria econômica já dispõem de algum motivo para uma discreta comemoração. O editorial do influente *Washington Post*, ontem, admitia que o problema da dívida externa ganhou tal magnitude que deixou de ser um assunto exclusivo da decisão do Sistema Financeiro Internacional. Os países credores vão intervir, afirma o jornal, através de uma participação mais significativa do Banco Mundial no processo de renegociação dos débitos de cada país.

Isso demonstra que as referências para a negociação entre o Brasil e seus credores estão se modificando, no sentido desejado pelo governo brasileiro. A tese de que é preciso crescer para poder pagar a dívida aparentemente está ganhando adeptos dentro dos Estados Unidos. Tudo vai bem, sob esse aspecto. O que ainda não se conhece é o preço a pagar para usufruir dessa nova dimensão, porque havendo um alívio nas contas externas ocasionado por maior prazo e menor juro, os países devedores vão ser convidados a assumir uma atitude razoável e responsável diante da necessidade de pagar.

Não há dúvida de que havendo acordo em novas bases os países signatários de tal documento deverão estar conscientes do novo papel que estão exercendo e da função inovadora que terminaram por assumir. Esse coquetel de novidades vai impor muita cautela e uma enorme responsabilidade. Não haverá como dizer depois, mais uma vez, que as contas externas estrangularam a economia. A participação do Banco Mundial na renegociação da dívida e a crescente presença dos governos dos países credores neste imbróglia deverá se o tema central da reunião do FMI, que vai começar em Seul, Coréia, dentro de duas semanas.

Outro aspecto importante será o nível de concessão que os países devedores deverão realizar para obter uma nova e melhor posição para o pagamento de suas dívidas. O presidente José Sarney já disse, na sua entrevista coletiva, em Nova Iorque, que o Brasil pretende resistir com sua reserva de mercado para a informática. Pretende manter o nível de protecionismo sobre essa indústria nascente e

sobre a economia em geral. O governo de Washington, no entanto, dá sinais contrários. Reagan anuncia ações específicas contra o que chama de práticas injustas de comércio e cita especificamente o caso da informática brasileira. Além disto, acaba de determinar um imposto de um por cento sobre as importações para financiar treinamentos de americanos que perderam seus empregos como consequência da entrada de material estrangeiro neste mercado.

A questão da dívida externa está mudando de qualidade. O assunto começa a deixar de ser um privilégio dos bancos americanos para se transformar no centro de um processo internacional de ajuste do comércio. É significativo que nem os brasileiros, nem os norte-americanos estejam falando do crédito interbancário — que é na verdade o gargalo da dívida. Se ele deixar de existir, os bancos brasileiros que atuam no exterior vão perder a sua capacidade de financiar exportações e literalmente vão perder a sua razão de existir. O objetivo dos países industrializados parece estar concentrado na promoção do comércio internacional e para que isto ocorra será necessário modificar prazos e juros da dívida externa latino-americana.

O processo de reajuste econômico ganhou, portanto, nova dimensão. O Brasil tem sido citado, aqui nos Estados Unidos, como um país que fez um perceptível esforço de ajustamento mas deixou que a inflação assumisse um aspecto devorador. Tudo isso é objeto de análise, observação e comentário, como também o é a velha prática protecionista brasileira.

Furacão

Nunca havia antes passado por esta experiência de conviver com um furacão. Chuvas fortes e ventos inquietantes. Mas, o mais alarmante de tudo isso, foi o clima de histeria que se instalou nas cidades da costa leste dos Estados Unidos. Diversas cidades foram evacuadas e as emissoras de televisão reiteradamente davam instruções sobre como proceder — desde comprar aparelhos de rádio à pilha, alimentos, até como se proteger de vidros que se quebram nestes momentos. Um ambiente que bordejou o pânico.